



A religiosidade afro- brasileira nos quadrinhos

African-Brazilian religiosity in comics

Nobu Chinen

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
Professor das Faculdades Oswaldo Cruz (São Paulo-SP)

Resumo:

Os quadrinhos sempre abordaram temas religiosos, desde as primeiras adaptações do Antigo Testamento até a biografia de Buda. No Brasil, as religiões de matriz africana historicamente foram representadas nos quadrinhos de forma negativa, associadas a rituais de magia negra. Somente em tempos recentes, houve uma mudança com uma melhor compreensão dos papéis das entidades e dos ritos do candomblé e da umbanda.

Palavras-chave: Candomblé. Umbanda. Orixá.

Abstract:

Religion is a common issue in the comics, from earlier Old Testament adaptations to Budha's biography. In Brazil, African religions have been represented in a negative way, always associated to black magic. Only in recent years, there was a change in this representation with a better comprehension of candomble's and umbanda's rites and entities role.

Keywords: Candomblé. Umbanda. Orixá

Um dos mais fortes elementos culturais de um grupo social, uma etnia ou uma comunidade é a sua concepção cosmogônica do universo e os ritos e os mitos que ajudam a compreender os fenômenos naturais e, principalmente, os sobrenaturais. Em sua relação com as divindades, o ser humano estabelece rituais, leis, narrativas e toda uma mitologia que acabam por definir um conjunto de valores que constituem uma religião que, em determinados casos, é tão arraigado que serve para criar uma identidade única para membros pertencentes a um grupo de adeptos que a diferencia dos demais, como é o caso do judaísmo.

Quadrinhos e religião, historicamente, é uma combinação que vem de longa data com resultados variáveis. Temas religiosos costumam ser recorrentes tanto em se tratando em versões diretas de textos ou relatos sagrados quanto em adaptações ou criações inspiradas nos protagonistas dessas narrativas.

Em 1933, foi lançada a série Antigo Testamento, com histórias da Bíblia ilustradas pelo artista Dan Smith, ilustrador com estilo clássico, semelhante ao de Harold Foster e Alex Raymond, estes mais conhecidos por seus trabalhos em Príncipe Valente e Flash Gordon, respectivamente. A série desenhada por Smith chegou a ser publicada no Brasil pela revista Gibi, que logo em seu número de estreia, em abril de 1939, trouxe um episódio da história de Moisés.

Alguns anos mais tarde, nos primórdios da indústria de revistas em quadrinhos americanas, o pioneiro editor Maxwell Gaines lançou em 1942, a *Picture Stories from the Bible*. Goulart informa que, dos sete números publicados, foram vendidos vários milhões de cópias e parte do lucro era doada para entidades religiosas, pois Gaines considerava as histórias bíblicas em quadrinhos não como um negócio, mas um serviço público.¹ Esses exemplos demonstram como a religião já era tema explorado pelos quadrinhos. Segundo Booker, ao analisar a produção norte-americana, temas religiosos estão no cerne dos quadrinhos americanos.² O autor não se atém a comentar sobre versões em quadrinhos de relatos religiosos, mas da influência da religião e no trabalho de diversos artistas, sobretudo os de ascendência judaica, comunidade da qual emergiram alguns dos nomes mais importantes dos quadrinhos americanos. “Isto inclui os criadores do Super-homem, Jerry Siegel e Joe Shuster; o criador de *The Spirit* e o primeiro a usar o termo *graphic novel*, Will Eisner; o criador de Batman, Bob Kane; e os criadores de vários títulos da Marvel Comics, Stan Lee (nascido Stan Lieber) e Jack Kirby (nascido Jacob Kurtzberg)”.³ Os citados quadrinistas se destacaram principalmente no específico segmento dos super-heróis, e vários estudos fazem uma analogia entre esses personagens e os deuses mitológicos da antiguidade. Um desses livros é *The Gospel according to superheroes. Religion and popular culture*, de B. J. Oropeza,⁴ em que o autor descreve o caráter messiânico dos heróis dotados de superpoderes, sob uma ótica que utiliza elementos cristãos, judaicos e de outras religiões. Em um tom mais leve e com uma proposta mais abrangente, *Our gods wear spandex*, de Christopher Knowles, traça um paralelo entre personagens de quadrinhos e uma série de cultos desde os religiosos até as seitas secretas, e cita personalidades como Aleister Crowley, Madame Blavatsky e Edgar Cayce, nomes conhecidos do meio esotérico.⁵ Outro livro que aborda os super-heróis americanos sob o viés da religiosidade é *Supergods*, do quadrinista Grant Morrison.⁶ Nessa obra, Morrison demonstra como os superseres dos quadrinhos da atualidade exercem a função dos deuses mitológicos e são construídos conforme arquétipos consagrados historicamente.

Para além do âmbito dos super-heróis, também há estudos que buscam captar a essência religiosa por trás de obras em quadrinhos. A série *Peanuts*, de Charles Schulz, mereceu dois livros contendo análises das tiras de acordo com a leitura da Bíblia: *The gospel according to Peanuts* e *The parables of Peanuts*, ambos de Robert Short.⁷ Basicamente, o trabalho de Short consistiu em

¹ GOULART, Ron. *Over 50 Years of American Comic Books*. [s.l.]: Mallard Press, 1991. p.19.

² BOOKER, M. Keith (Ed.). *Encyclopedia of comic books and graphic novels*. Santa Barbara: Greenwood, 2010.

³ BOOKER, 2010, p. 505.

⁴ OROPEZA, B. J. *The Gospel According to Superheroes. Religion and Popular Culture*. New York: Peter Lang, 2005.

⁵ KNOWLES, Christopher. *Our Gods Wear Spandex*. San Francisco: Weiser Books, 2007.

⁶ MORRISON, Grant. *Supergods*. New York: Spiegel & Grau, 2011.

⁷ SHORT, Robert L. *The Gospel According to Peanuts*. 1. ed. (11. reimp.). Richmond: John Knox Press, 1965 e _____. *The parables of Peanuts*. Greenwich: Fawcett Publication, 1970.

comparar passagens dos evangelhos e de outros livros da Bíblia com tiras diárias dos personagens de Schulz, um cristão fervoroso.

Trabalhos mais autorais também abordam a religião não como fonte literária ou inspiração para personagens e situações, mas sob o ponto de vista de seu impacto na formação moral dos artistas, normalmente em relatos autobiográficos. Algumas das *graphic novels* criadas por Will Eisner, por exemplo, são episódios inspirados em sua infância e sua adolescência, vividos no Bronx, bairro de Nova York onde viviam muitos judeus. E *Contrato com Deus*, o próprio título denota um elevado grau de interferência da vontade divina nos destinos dos personagens.⁸ Em *Retalhos*, de Craig Thompson, o autor americano narra o conflito entre o desejo pela namorada e as restrições impostas por sua formação cristã, o que lhe causa pesadelos e gera um grande sentimento de culpa.⁹ Já *Persépolis*, de Marjane Satrapi, iraniana de nascimento e radicada na França, revela as dificuldades de uma jovem criada numa sociedade ocidentalizada que, com a Revolução Islâmica, passa a conviver com regras e limites impostos pelo novo estado teocrático, instalado no Irã, após a queda do xá Rhexa Pahlavi, pró-ocidente.¹⁰

Nos países de população predominantemente cristã e, mais especificamente, católica, a maioria das publicações em quadrinhos com esse teor se refere a textos bíblicos e personagens relacionados à fé cristã. O que não significa que não existam quadrinhos baseados e inspirados por outras manifestações de fé.

Com exceção de *Persépolis*, as publicações em quadrinhos, bem como as obras teóricas citadas, se detêm a associar as séries americanas com textos bíblicos devido ao predomínio da cultura judaico-cristã nos Estados Unidos. No entanto, o próprio Booker cita publicações voltadas a outras religiões: quadrinhos muçulmanos, editados pela *AK Comics*, no Egito; uma vasta produção indiana sobre as inúmeras divindades do hinduísmo; e a longa série *Buda*, de Osamu Tezuka, considerado um dos principais autores de *mangá*.¹¹

Além desses trabalhos mais conhecidos, há inúmeras versões da Bíblia em quadrinhos lançadas por editoras vinculadas às religiões, num amplo espectro de variação quanto à qualidade e grau de exposição. Uma das obras recentes desse segmento foi a polêmica adaptação do *Gênesis*, feita por Robert Crumb, autor que se destacou no quadrinho *underground* americano, e que mereceu grande repercussão na mídia.

A partir, portanto, da constatação de que existe um mercado atuante e dinâmico de quadrinhos religiosos, foi feito um levantamento específico da presença de temas ligados à religiosidade de matriz africana nas publicações de quadrinhos brasileiras para verificar sua pertinência e o grau de fidelidade aos conceitos e práticas adotadas.

⁸ EISNER, Will. *Contrato com Deus*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

⁹ THOMPSON, Craig. *Retalhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

¹⁰ SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Conrad, 2004.

¹¹ BOOKER, 2010.

Quadrinhos religiosos no Brasil

Segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem uma população de 190.755.799 habitantes. Desse total, 14.517.961 se declararam como sendo de cor preta e 82.277.333 de cor parda, compondo assim 50,74% da população, ou seja, os afrodescendentes constituem mais da metade dos habitantes do País. Ainda segundo o mesmo recenseamento, do total de habitantes, 123 milhões se declaram católicos e 42 milhões, evangélicos, aí distribuídos em diversas denominações. Os adeptos das duas principais manifestações de religiosidade africana, o candomblé e a umbanda, somam cerca de 590 mil pessoas.

Não é de estranhar, portanto, que o catolicismo exerça uma influência muito forte e esteja presente na mídia e nos produtos culturais do país com mais frequência. No caso dos quadrinhos, a publicação religiosa mais conhecida foi a coleção *Série Sagrada*, editada de 1953 a 1961. Entre episódios bíblicos e biografias de santos, essas publicações foram criadas para amenizar o clima de hostilidade contra os quadrinhos que, na época, sofriam ataques de vários setores da sociedade, inclusive da igreja. Apesar de ter durado oito anos e atingir 63 números, a *Série Sagrada*, segundo Gonçalo Jr., nunca foi um sucesso de vendas e servia mais para angariar a simpatia do clero do que para render lucro para a editora.¹²

Apesar de o país ter mais da metade da população que se declara afrodescendente, apenas uma parcela muito pequena pratica religiões de matriz africana, sendo as mais importantes o candomblé e a umbanda.

Segundo Prandi, “quando se fala em candomblé, geralmente a referência é o candomblé queto, ou da chamada ‘nação’ queto, da Bahia, vertente em que predominam os orixás e ritos de iniciação de origem iorubá”.¹³ O candomblé preserva as origens africanas desses cultos, embora incorpore manifestações de diferentes regiões da África, influenciados por costumes e princípios peculiares a cada comunidade.

Quando as estruturas sociais foram dissolvidas pela escravidão, os antepassados perderam seu lugar privilegiado no culto. Sobreviveram marginalmente no novo contexto social e ritual. As divindades mais diretamente ligadas às forças da natureza, mais diretamente envolvidas na manipulação mágica do mundo, mais presentes na construção da identidade da pessoa, os orixás, divindades de culto genérico, estas sim vieram a ocupar o centro da nova religião negra em território brasileiro.¹⁴

Ainda conforme Prandi, a umbanda surgiu no início do século XX, formada no Brasil, como resultado do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas.

Os espíritos de caboclos e pretos-velhos manifestam-se nos corpos dos iniciados durante as cerimônias de transe para dançar e sobretudo orientar e curar aqueles que procuram por ajuda religiosa para a solução de seus males. A umbanda absorveu do kardecismo algo de seu apego às virtudes da caridade e do altruísmo, assim fazendo-se mais ocidental que as demais religiões do espectro afro-brasileiro; mas nunca completou o processo de

¹² GONÇALO, JR. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 260.

¹³ PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.28, p.64-83, dez.-fev. 1995/1996.

¹⁴ PRANDI: 1995/1996.

ocidentalização, ficando a meio caminho entre ser religião ética, preocupada com a orientação moral da conduta, e religião mágica, voltada para a estrita manipulação sobrenatural do mundo.¹⁵

Historicamente, sempre se explorou o aspecto mais sombrio, associando-se os cultos religiosos africanos, que incorporam rituais animistas como oferendas e sacrifício de animais, com práticas de magia negra. Alguns casos mais conhecidos são as abordagens em histórias de terror em que os demônios ou as forças ocultas são invocados em rituais conduzidos, normalmente, por uma pessoa de idade, homem ou mulher, detentora de uma sabedoria ancestral.

Além do candomblé e da umbanda, em que pais e mães de santo que atuam como xamãs nos rituais, outra tradição de cunho místico-religioso é o catimbó, mais vinculado a tradições indígenas, mas que também tem caráter sincrético por incorporar elementos de crenças europeias e práticas africanas. A figura do catimbozeiro(a), que também pode ser referido como benzedeira, é bastante comum no interior do país e mesmo nos grandes centros ainda é possível encontrá-la.

Um bom exemplo de catimbozeira nos quadrinhos é o estudo que Silvano Bezerra da Silva desenvolveu sobre a história “O rezador”, que tem como protagonista Chico Bento, personagem criado por Mauricio de Sousa, na qual o personagem aprende de Nhá Belarmina, uma senhora negra de idade que se autodenomina “Preta Veia”, todo o conhecimento sobre rezas e benzeduras que ela recebera de seus antepassados, dando continuidade a uma tradição oral de longa data. Curioso para saber se aquelas rezas faziam efeito, Chico resolve testar invocando poderes sobrenaturais para assegurar o amor de Rosinha, sua namorada. O “encantamento”, porém, funciona de forma exagerada e Rosinha age como se estivesse sob hipnose. Resolvida a situação, a maior lição de Chico foi entender que o poder obtido com o conhecimento deve ser usado com sabedoria. No quadrinho final, aparece Nhá Belarmina satisfeita, dizendo que “Já posso vortá pra minha veia África”. Silva associa a figura de Nhá Belarmina à de uma catimbozeira.¹⁶

As eventuais histórias em quadrinhos anteriores à década de 1990, que abordavam a religiosidade de matriz africana, invariavelmente o faziam pelo viés do sobrenatural, das invocações de forças demoníacas capazes de interferir na realidade cotidiana, normalmente em benefício de interesses pessoais nem sempre louváveis ou como forma de obter poderes sobre-humanos. Numa breve consulta a exemplares avulsos das revistas *Spektro* e *Calafrio*, é possível constatar que nessas, também, há uma tendência a se explorar a religiosidade africana por um viés de associação com forças ocultas e com rituais macabros. Essas duas revistas foram selecionadas por terem sido, à sua época, importantes títulos de quadrinhos que publicavam autores nacionais.

De fato, uma das características do candomblé e da umbanda são as oferendas (ebós) destinadas a Exu que é o orixá das comunicações. Esta divindade originalmente não tem nenhuma associação específica com demônios, pois, no candomblé, não existe o conceito maniqueísta de bem *versus* mal, que está na base de todas as religiões ocidentais. Exu, ao contrário do que muitos

¹⁵ PRANDI, 1995/1996.

¹⁶ SILVA, Silvano Alves Bezerra da. *A Reclusão da Pedagogia e a Pedagogia da Reclusão*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 1989.

imaginam e acreditam, não é um ser maligno. No entanto, acabou ganhando essa conotação dentro da credence popular, exacerbada pela divulgação distorcida de suas atribuições e poderes. Dessa forma, muitos quadrinistas, notadamente, nas histórias de terror, exploraram esse aspecto mágico e sobrenatural de relação entre as práticas de cultos africanos e a feitiçaria.

A revista Spektro, dedicada ao terror que publicou diversas histórias de autores nacionais, durante as décadas de 1970-1980, traz bons exemplos de histórias desse tipo. O número 14 tem como chamada de capa *A fúria dos orixás*, denotando o poder dessas divindades para interferir nos destinos da humanidade.



Figura 1: Capa da revista Spektro, n. 14.

Outro número dessa publicação, o 19, datado de dezembro de 1980, foi uma edição especial cuja chamada da capa anunciava o tema que permeava o conteúdo: macumba. Diversas edições da revista *Calafrio*, publicação de quadrinhos de terror da Editora D-Arte que circulou nos anos 1980-1990, também trazem histórias contendo alguma referência a rituais afro-brasileiros, sempre com essa conotação vinculada à invocação de demônios e entidades ao mal. Esses casos só serviram para alimentar uma visão distorcida e preconceituosa das religiões de matriz africana e

foram aqui citadas apenas com a finalidade de exemplificar como essas religiões eram retratadas nos quadrinhos. Em tempos mais recentes, no entanto, a abordagem da religiosidade de matriz africana nos quadrinhos vem passando por uma grande modificação. Se antes predominava o lado místico-sobrenatural, mais voltado à magia e ao ocultismo, há, nas representações atuais, a preocupação com o aspecto cultural e de preservação das crenças e rituais do candomblé e da umbanda.

Já na adaptação do clássico de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, para os quadrinhos, de 2001, há uma menção, ainda que muito breve, a alguns elementos dos cultos e da mitologia africana, mantidos pelos escravos no Brasil.¹⁷ A primeira edição dessa versão em quadrinhos data de 1981, o que constitui uma exceção no modo como os cultos afro-brasileiros eram representados.



Figura 2: Página da adaptação de *Casa Grande & Senzala*

¹⁷ PINTO, Estêvão; RODRIGUES, Ivan Wasth. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Abe Graph, 2001.

A adaptação, roteirizada por Estêvão Pinto e ilustrada por Ivan Wasth Rodrigues, é uma versão condensada que procura ser o mais fiel possível à obra original. Como tal, mantém certo viés oficioso, que trata o papel do negro na formação da população brasileira com uma dosagem de paternalismo e condescendência presente no texto de Freyre, para quem a integração dos afrodescendentes na sociedade se deu de forma pacífica e sem conflitos o que derivou na construção de uma democracia racial em nosso país. Esse argumento vem sendo contestado há décadas por estudiosos como Florestan Fernandes, para quem a democracia racial é um grande mito, alimentado pelo próprio governo a fim de perpetuar uma falsa imagem de cordialidade e de convívio pacífico entre brancos e negros.

Uma leitura mais atenta na versão de *Casa Grande & Senzala em Quadrinhos* permite detectar imagens aparentemente inocentes, mas que revelam a realidade a que os negros estavam submetidos. O comportamento dos senhores de engenho e seus filhos, para quem era normal abusar de suas escravas como e quando quisessem, era para Freyre, um traço que ajudou a disseminar o conceito de que as escravas eram sensuais, lúbricas e extremamente disponíveis para o sexo. Fato que o próprio Freyre trata de relativizar, mas que foi incorporado historicamente à imagem que se formou dos negros.

Outros trabalhos que retratam rituais do candomblé são as duas adaptações, feitas por Ruy Trindade, de romances de Jorge Amado, autor baiano que costumava ambientar suas tramas em cidades da Bahia, locais que têm forte influência da presença dos negros e, conseqüentemente, de seus hábitos, costumes e, naturalmente, religiões. Tanto em *Capitães da Areia* quanto em *Pastores da Noite*, as duas obras de Amado transpostas para os quadrinhos, Trindade teve a preocupação de manter-se fiel ao texto original.¹⁸ O que pode ser considerado uma atitude de respeito à obra do escritor, acaba por tornar a versão em quadrinhos redundante em algumas partes, pois se o texto literário requer uma riqueza de detalhes na descrição de cenas e personagens, nos quadrinhos, os desenhos cumprem bem essa função, sendo, pois, desnecessário repetir em palavras o que a imagem mostra, com mais propriedade. Mesmo assim, os dois álbuns têm o mérito de trazer para a linguagem dos quadrinhos, aspectos da vida cotidiana de cidades da Bahia, estado em que houve uma grande concentração de afrodescendentes e onde o candomblé se manifesta de forma mais intensa. No caso de *Capitães da Areia*, a obra mostra a realidade de adolescentes que vivem à margem da sociedade, praticando pequenos delitos e descobrindo a sexualidade nas ruas e nas praias de Salvador.

Na adaptação de outra obra de Jorge Amado, *Jubiabá*, feita por Spacca, há uma menção ao ritual de candomblé em uma sequência de duas páginas em que é descrita uma sessão em que ocorre a incorporação de vários orixás.¹⁹ Jubiabá, por sinal, é o nome do pai de santo do terreiro onde ocorre o ritual e orientador espiritual do principal personagem da história, o boxeador Antônio Balduino. Spacca, ilustrador que tem se consolidado como autor de quadrinizações de fatos e biografias históricos do Brasil, empreendeu uma minuciosa pesquisa iconográfica para construir

¹⁸ AMADO, Jorge; TRINDADE, Ruy. *Capitães da Areia*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1995. e _____. *Pastores da Noite*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1998.

¹⁹ SPACCA. *Jubiabá de Jorge Amado*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

cenários e personagens do seu Jubiabá, que, apesar de ser uma obra de ficção, exigiu do desenhista um rigoroso estudo de época, costumes e tradições, para reproduzir com fidelidade as paisagens descritas por Jorge Amado, conforme o próprio Spacca relata nas páginas finais do livro.



Figura 3: Página de Jubiabá.

O álbum *Balaiada. A guerra do Maranhão*, de Iramir Araújo, Ronilson Freire e Beto Nicácio, reconta a revolta que uniu brancos e escravos negros contra as autoridades e o governo central, no século XIX.²⁰ Entre os seus participantes estava o negro Cosme Bento, que liderou um grupo de escravos fugidos que se uniu aos revoltosos. Na versão em quadrinhos, os autores enfatizaram o papel de Bento, apresentando-o como filho de Ogum, numa cena que mostra os rituais de preparativos para a guerra, em um terreiro de candomblé.

²⁰ ARAÚJO, Iramir; FREIRE, Ronilson; NICÁCIO, Beto. *Balaiada. A guerra do Maranhão*. São Luís: Edição do autor, 2009.



Figura 4: Página de Balaiada

No escopo da Lei 10.369, de 2003, que instituiu a obrigatoriedade de ensino de cultura afro-brasileira nas escolas de ensino básico no país, surgiram algumas iniciativas criadas para servir como material didático ou de referência para estudantes. O álbum *AfroHQ* é um bom exemplo.²¹ Com roteiro de Amaro Braga e arte de Danielle Jaimés e Roberta Cirne, o livro tem como subtítulo História e cultura afro-brasileira e africana em quadrinhos, que define a proposta e a finalidade da obra. A religiosidade permeia todo o álbum que traz logo na capa, o panteão das divindades africanas, com vários orixás formando uma roda. Os próprios orixás se incumbem de contar a história do livro com cada um deles introduzindo a narrativa que vem a seguir.

²¹ BRAGA, Amaro; JAIMES, Danielle; CIRNE, Roberta. *AfroHQ*. Recife: Edição do autor, 2010.

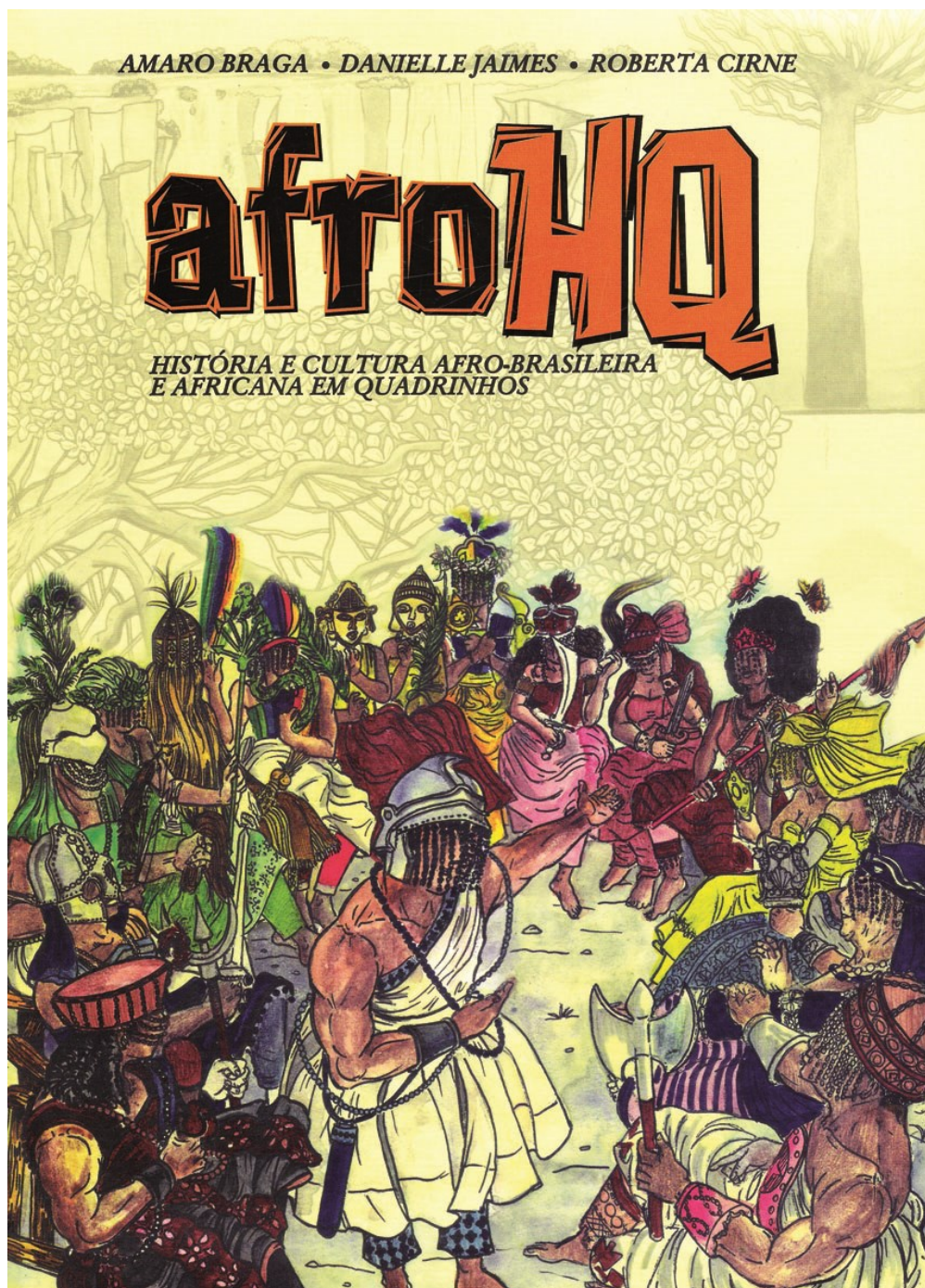
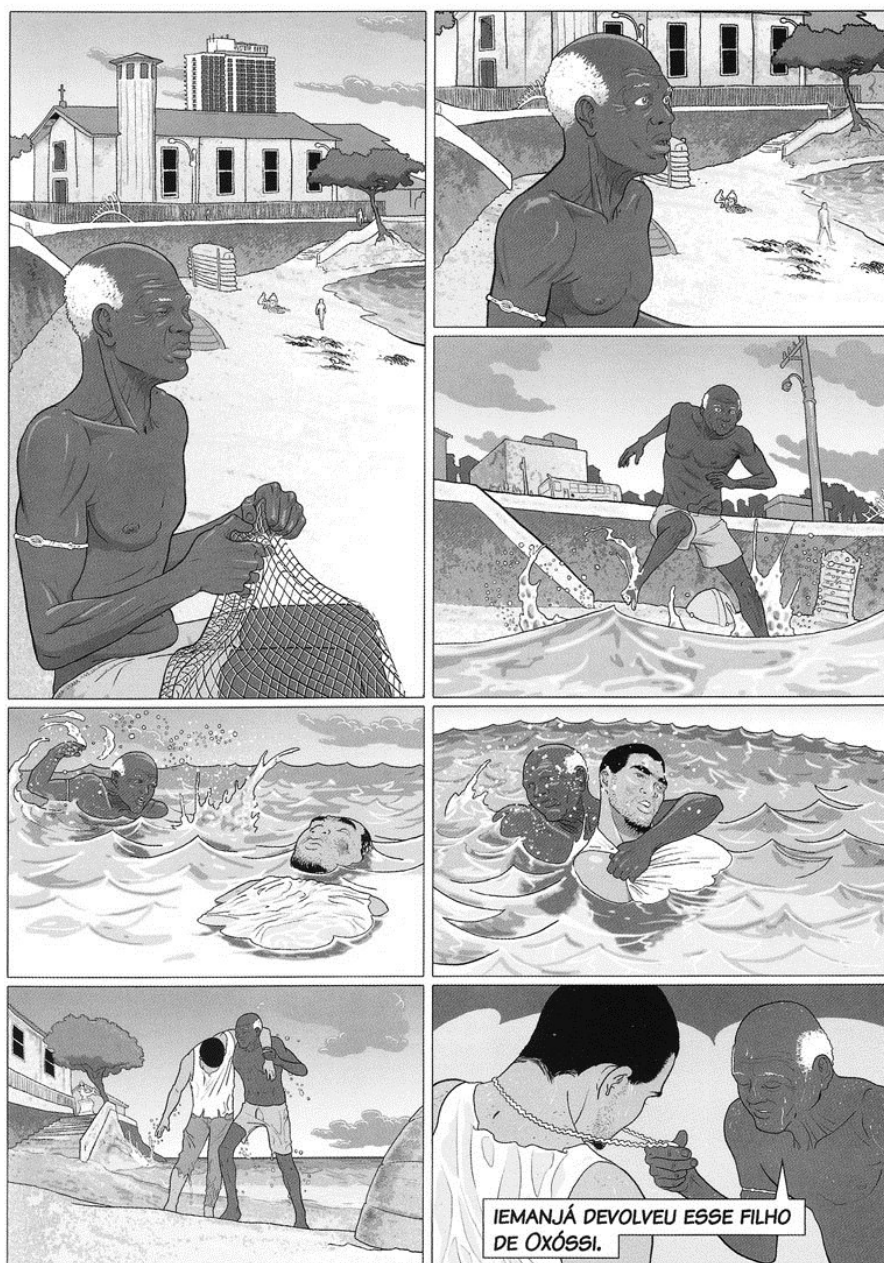


Figura 5: Capa de AfroHQ

O sincretismo religioso, característica, principalmente da umbanda, também se manifesta em algumas histórias em quadrinhos. *São Jorge da Mata Escura*, de Marcello Fontana e André Leal, é uma trama que envolve romance, vingança e violência, mas apresenta personagens que rendem culto a Oxossi/São Jorge.²² Intercaladas na história principal, há duas páginas ilustradas em estilo e técnicas diferentes das demais. Numa delas é apresentada a figura de Oxossi, na outra, São Jorge da Capadócia, o santo guerreiro.

²² FONTANA, Marcello; LEAL, André. *São Jorge da Mata Escura*. Salvador: RV Cultura e Arte, 2011.



41

Figura 6: Página de São Jorge da Mata Escura

O álbum *Os zeladores*, de Mr. Guache e Nathan Cornes, traz uma história que mescla aventura, ficção científica, estética de videogame e desenho animado, mas que tem como herói principal a figura de Zé Pilintra, uma das entidades incorporadas na umbanda e que representa o malandro típico dos anos 1940.²³

²³ Mr. GUACHE; CORNES, Nathan. *Os zeladores*. São Paulo: Devir, 2010.

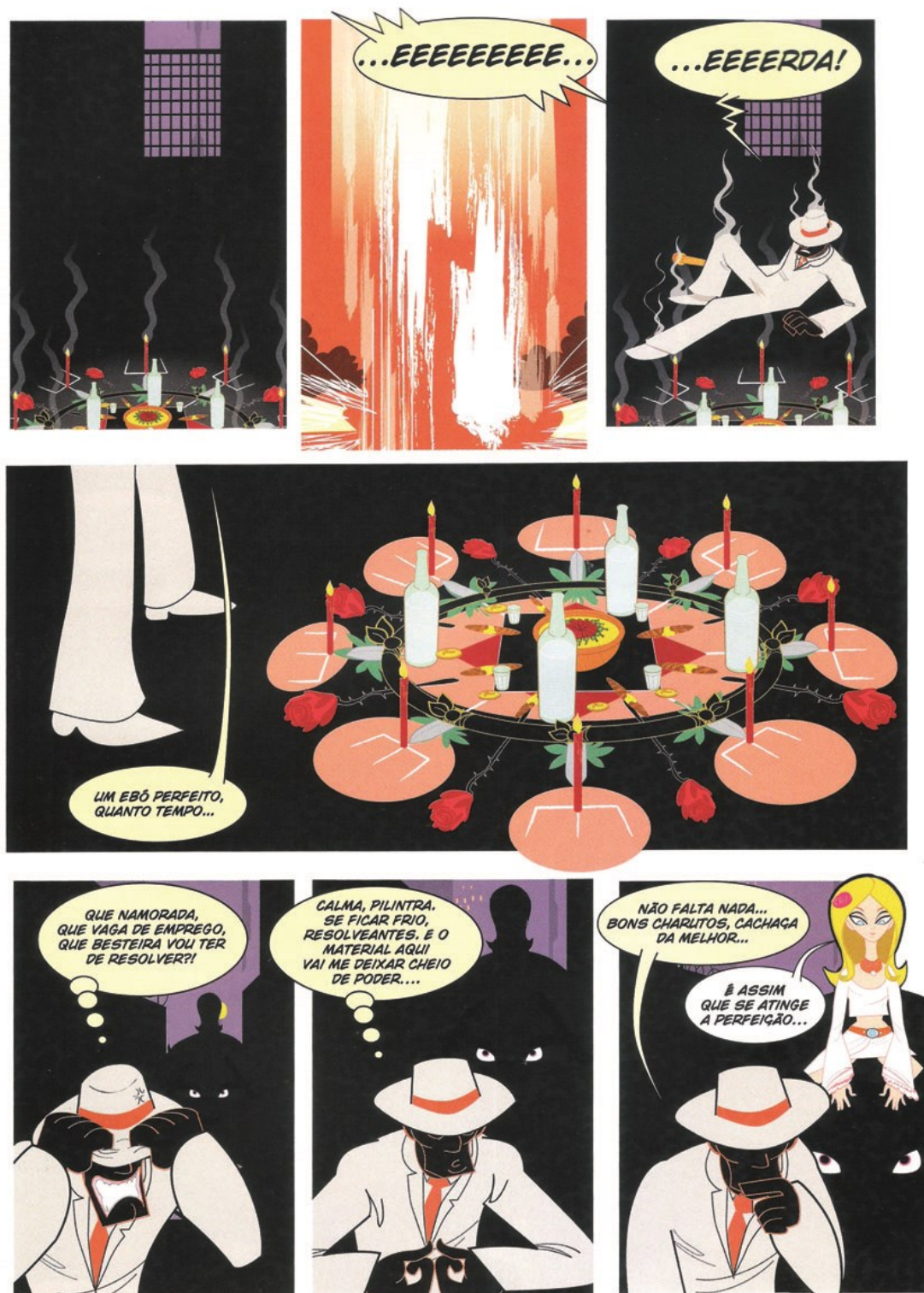


Figura 7: página de *Os Zeladores*

Essa mescla, aparentemente inverossímil, resulta num trabalho de grande plasticidade e ação, com cores fortes e diagramação ousada. Há breves referências à rituais da umbanda como uma cena de ebó e aos atributos de Zé Pilintra, conhecido por favorecer os mais pobres e “abrir os caminhos”.

O álbum *Orixás, do Orum ao Ayê*, roteiro de Alex Mir, desenhos de Caio Majado e cores de Omar Viñole merece destaque no presente estudo por ser voltado à explicação de vários mitos iorubás, que estão na origem do culto aos orixás.²⁴

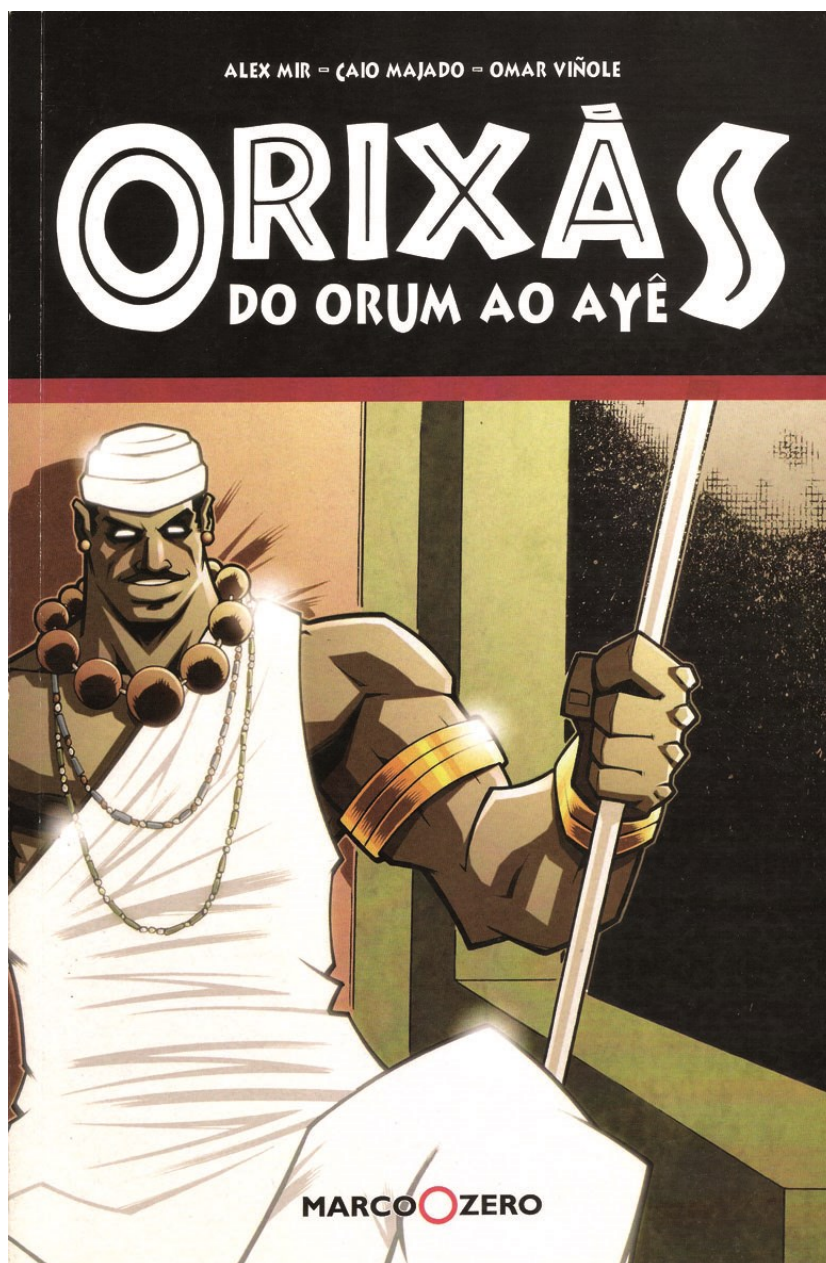


Figura 8: capa de *Orixás, do Orum ao Ayê*

Dentro de sua proposta é o que mais fielmente atende a esses requisitos. Na bibliografia citada ao final da obra, constam autores como Rubens Saraceni, Franchini e Seganfredo e Reginaldo Prandi, este último também consultado para a elaboração do presente artigo. O livro é dividido em cinco capítulos, cada um dos quais adapta um relato da mitologia africana dos iorubás e que está na raiz das crenças do candomblé. As histórias curtas narram a criação dos orixás e relata as intrigas entre as divindades. Os capítulos 2, 3 e 4 abrangem a criação da Terra e o capítulo 5 conta como

²⁴ MIR, Alex; MAJADO, Caio; VIÑOLE, Omar. *Orixás, do Orum ao Ayê*. São Paulo: Marco Zero, 2011.

aconteceu a separação da Terra e do Céu. Segundo o próprio autor, em texto incluído nos anexos da obra, o que o motivou a escrever sobre os mitos africanos foi um forte interesse pelas tradições afro-brasileiras, que, por sua vez, o levou a pesquisar e ler sobre o assunto.

O álbum é bem produzido, impresso em cores em papel couchê de qualidade. A narrativa flui de forma competente. No entanto, apesar da beleza plástica das composições e dos personagens, há uma nítida influência da estética dos super-heróis na representação das divindades. Tal fato pode ser atribuído à influência que os autores tiveram do material estrangeiro em sua formação. Isso fica evidente na anatomia que exagera músculos e poses inspiradas nos heróis de ação norte-americanos. Outro ponto a se considerar é a representação do templo onde as entidades residem. As linhas arquitetônicas e o estilo de construção remetem aos palácios da Grécia Antiga, como se o panteão africano fosse idêntico ao dos deuses gregos. Se não ocorre a estereotipização comum em representações de personagens afrodescendentes até meados do século XX, em contraposição, há uma figuração distorcida, mas no sentido oposto, de valorização extremada dos atributos físicos dos orixás. Os mesmos autores haviam produzido uma versão anterior do quinto capítulo, que narra a separação do céu e da terra, com um tratamento visual bastante semelhante, especialmente para a revista Orixás, publicação especificamente voltada aos praticantes do candomblé. A ideia inicial era a publicação em capítulos, o que acabou não se viabilizando. O álbum, de certa forma, acabou por cumprir essa função.

Conclusão

A partir de uma representação invariavelmente negativa dos rituais do candomblé e da umbanda, a religiosidade de matriz africana historicamente foi abordada pelos quadrinhos como algo ligado à feitiçaria e à invocação de forças ocultas orientadas para o mal e associadas a demônios. No decorrer das décadas, esse quadro pouco variou e ajudou a disseminar uma imagem negativa dos cultos afro-brasileiros. Somente a partir do final do século XX, com uma compreensão maior do significado das manifestações rituais dessas religiões, a representação sofreu modificações.

Embora a amostragem ainda seja pouco representativa comparada ao volume de histórias em quadrinhos produzido no Brasil, é possível constatar que houve uma valorização da mitologia africana, pelo menos no aspecto de se respeitar o papel das divindades e a função das oferendas. Essa evolução na abordagem da religiosidade de matriz africana se insere num quadro mais amplo da representação dos afrodescendentes e de sua cultura nos quadrinhos, de modo geral.

Referências

BOOKER, M. Keith (Ed.). *Encyclopedia of comic books and graphic novels*. Santa Barbara: Greenwood, 2010.

GONÇALO, JR. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULART, Ron. *Over 50 Years of American Comic Books*. [s.l.]: Mallard Press, 1991.

KNOWLES, Christopher. *Our Gods Wear Spandex*. San Francisco: Weiser Books, 2007.

MORRISON, Grant. *Supergods*. New York: Spiegel & Grau, 2011.

OROPEZA, B. J. *The Gospel According to Superheroes. Religion and Popular Culture*. New York: Peter Lang, 2005.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.28, p.64-83, dez.-fev. 1995/1996.

SHORT, Robert L. *The Gospel According to Peanuts*. 1. ed. (11. reimp.). Richmond: John Knox Press, 1965.

_____. *The parables of Peanuts*. Greenwich: Fawcett Publication, 1970.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. *A Reclusão da Pedagogia e a Pedagogia da Reclusão*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 1989.

Publicações em quadrinhos comentadas

AMADO, Jorge; TRINDADE, Ruy. *Capitães da Areia*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1995.

_____. *Pastores da Noite*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1998.

ARAÚJO, Iramir; FREIRE, Ronilson; NICÁCIO, Beto. *Balaiada. A guerra do Maranhão*. São Luís: Edição do autor, 2009.

BRAGA, Amaro; JAIMES, Danielle; CIRNE, Roberta. *AfroHQ*. Recife: Edição do autor, 2010.

EISNER, Will. *Contrato com Deus*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

FONTANA, Marcello; LEAL, André. *São Jorge da Mata Escura*. Salvador: RV Cultura e Arte, 2011.

MIR, Alex; MAJADO, Caio; VIÑOLE, Omar. *Orixás, do Orum ao Ayê*. São Paulo: Marco Zero, 2011.

Mr. GUACHE; CORNES, Nathan. *Os zeladores*. São Paulo: Devir, 2010.

PINTO, Estêvão; RODRIGUES, Ivan Wash. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Abe Graph, 2001.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Conrad, 2004.

SPACCA. *Jubiabá de Jorge Amado*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

THOMPSON, Craig. *Retalhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.